

CAMINHOS OSCUROS DA MENTE HUMANA: UMA ANÁLISE DOS FUNDAMENTOS NEUROBIOLÓGICOS POR TRÁS DO COMPORTAMENTO DE SERIAL KILLERS

Acadêmica: Poliana Eduarda Fritzen

Orientadora: Profª Drª Gabriele Catyana Krause Milaneze

RESUMO

Este estudo investiga os fundamentos neurobiológicos e psicológicos que sustentam o comportamento de *serial killers*, buscando compreender como disfunções cerebrais e traumas podem contribuir para a violência extrema. Através de revisão bibliográfica, analisaram-se regiões cerebrais relacionadas ao controle emocional, à tomada de decisão e à empatia, assim como a influência de predisposições genéticas e fatores ambientais. Os resultados indicam que alterações em estruturas como o córtex pré-frontal e a amígdala, somadas a experiências de abuso e negligência na infância, contribuem para a manifestação de traços psicopáticos, ausência de empatia e comportamentos antissociais. A pesquisa sistematiza evidências sobre a interação entre biologia e ambiente na formação de *serial killers*, ressaltando a importância de estratégias preventivas e de intervenção precoce em contextos de vulnerabilidade.

Palavras-chave: *serial killers*. córtex pré-frontal. amígdala. empatia. traumas.

1 INTRODUÇÃO

Os *serial killers* representam uma categoria única e perturbadora dentro do universo criminal, caracterizando-se pela prática de múltiplos assassinatos, geralmente seguindo padrões consistentes em métodos e motivações (Schechter, 2013). Suas ações são frequentemente impulsionadas por desejos de controle, poder ou prazer, e muitos apresentam traços de psicopatia, como ausência de empatia e habilidade manipulativa. Comportamentos como visitar locais de crime, manter troféus ou registrar detalhes de suas ações são recorrentes nesse perfil (Schechter, 2013).

O estudo do comportamento de *serial killers* tem despertado grande interesse científico, envolvendo investigações sobre fundamentos neurobiológicos que possam sustentar tais padrões comportamentais extremos. Pesquisas indicam que alterações em estruturas cerebrais, como o córtex pré-frontal e a amígdala, bem como predisposições genéticas, podem influenciar a impulsividade, a regulação emocional e a capacidade de empatia desses indivíduos (Casoy, 2014). A compreensão desses fatores é essencial não apenas para elucidar o fenômeno, mas também para subsidiar estratégias preventivas e de intervenção em contextos de saúde mental e segurança pública.

Diante disso, o presente estudo buscou analisar os fundamentos neurobiológicos associados ao comportamento de *serial killers*, considerando a interação complexa entre fatores genéticos, alterações cerebrais e experiências ambientais adversas. A questão de pesquisa que orientou esta investigação foi: “Quais são os fundamentos neurobiológicos por trás do comportamento dos *serial killers*?”. Parte-se da hipótese de que a manifestação desse comportamento extremo resulta da combinação de predisposições biológicas com influências ambientais, reforçando a necessidade de uma abordagem multidimensional para compreender e

prevenir tais fenômenos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O conceito de “*serial killer*” foi consolidado nos anos 1970 por Robert Ressler, do FBI, para designar indivíduos que cometem uma série de homicídios em intervalos distintos (Schechter, 2013). Segundo Casoy (2014), eles podem ser classificados em visionários, missionários, hedonistas e libertinos, além da distinção entre organizados e desorganizados (Douglas & Olshaker, 2002).

Pesquisas neurocientíficas apontam disfunções em áreas como o córtex pré-frontal e a amígdala, associadas à impulsividade, ausência de empatia e comprometimento da tomada de decisão moral (Raine, 2013; Glenn & Raine, 2014). Além disso, estudos relatam desequilíbrios em neurotransmissores como serotonina e dopamina, bem como alterações hormonais ligadas à agressividade (Casoy, 2017).

No campo genético, variantes do gene MAOA, conhecido como “gene guerreiro”, estão associadas a maior vulnerabilidade ao comportamento agressivo, sobretudo quando combinadas com abusos na infância (Caspi et al., 2002; Byrd & Manuck, 2014). Esse dado reforça a importância da interação gene-ambiente: predisposições biológicas não determinam por si só a violência, mas se potencializam diante de traumas precoces.

Estudos apontam que a maioria dos *serial killers* vivenciou abusos físicos, emocionais ou sexuais durante a infância, o que impacta o desenvolvimento da personalidade e alimenta fantasias violentas (Miller, 2014; Casoy, 2017). Assim, compreende-se o fenômeno como resultado de múltiplos fatores neurobiológicos, genéticos e ambientais que interagem na formação de personalidades antissociais.

3 METODOLOGIA

O presente estudo teve como tema central a investigação dos fundamentos neurobiológicos que influenciam o comportamento de *serial killers*, sendo desenvolvido por meio de uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo. Foram consultadas obras clássicas e recentes, além de artigos científicos indexados em bases como SciELO, PubMed e Google Scholar, utilizando descritores relacionados a *serial killers*, psicopatia, neurociência e traumas infantis. Conforme Gil (2008), a pesquisa bibliográfica permite a análise crítica e sistemática de produções já publicadas, possibilitando identificar padrões, confrontar perspectivas e fundamentar teoricamente o tema investigado. A análise dos dados foi conduzida por meio de leitura, seleção e interpretação crítica das fontes.

4 APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise dos estudos revisados indica que o comportamento de *serial killers* resulta da interação complexa entre fatores neurocognitivos, genéticos, ambientais e traumáticos, associado a traços psicológicos específicos. Alterações no córtex pré-frontal, responsável pelo controle de impulsos e avaliação moral, e na amígdala, ligada à regulação emocional, contribuem para impulsividade, ausência de empatia e dificuldade de avaliar consequências morais (Raine et al., 1997; Glenn & Raine,

2014; Blair, 2005; Kiehl, 2006). Tais disfunções estão fortemente associadas à psicopatia, caracterizada por manipulação, egocentrismo e falta de remorso (Hare, 1999; Cleckley, 1976), frequentemente manifestada como Transtorno de Personalidade Antissocial (American Psychiatric Association, 2014).

Do ponto de vista genético, variantes do gene MAOA e alterações em neurotransmissores, como serotonina e dopamina, aumentam a predisposição a comportamentos agressivos, mas não determinam sua manifestação isoladamente. Experiências traumáticas na infância, incluindo abuso e negligência, amplificam esses riscos, sendo fatores decisivos na formação de comportamentos antissociais (Caspi et al., 2002; Byrd & Manuck, 2014; Widom, 1989; McGowan et al., 2009; Viding et al., 2005).

Além disso, *serial killers* apresentam traços comportamentais recorrentes, como fantasias violentas iniciadas na infância, busca por controle sobre as vítimas e ausência de remorso (Cleckley, 1976; Knight, 2006; Ressler et al., 1995). Tais características refletem a interação entre predisposição biológica, experiências traumáticas e reforço de padrões psicológicos, destacando a multicausalidade presente nesses indivíduos.

A identificação precoce de sinais comportamentais, como crueldade com animais, manipulação e agressividade, aliada a intervenções psicológicas, é fundamental para prevenir a escalada de comportamentos violentos (Hare, 1999; Adriana, 2007; Miller, 2016). Esses achados reforçam a necessidade de uma abordagem biopsicossocial e multidisciplinar para compreender e prevenir o comportamento de *serial killers*.

5 CONCLUSÃO

A análise dos fatores associados ao comportamento de *serial killers* evidencia que tais indivíduos apresentam uma combinação de traços psicopatológicos, incluindo psicopatia, ausência de empatia e manipulação, que facilitam a execução de atos violentos sem remorso ou culpa. Esses traços não apenas indicam predisposição para comportamentos agressivos, mas também refletem uma desconexão significativa com normas sociais e morais, constituindo elementos centrais para a compreensão do *modus operandi* desses indivíduos.

Além disso, os resultados reforçam o papel crucial das experiências traumáticas na infância, como abusos físicos e emocionais, que, ao interagirem com predisposições genéticas, aumentam a probabilidade de desenvolvimento de comportamentos antissociais e violentos. A influência desses traumas evidencia a importância de ambientes familiares saudáveis e de intervenções precoces para mitigar potenciais trajetórias de violência extrema, contribuindo para a prevenção de comportamentos que possam se tornar crônicos ou predatórios.

Por fim, a pesquisa demonstra que disfunções neurológicas, especialmente em áreas como a amígdala e o córtex pré-frontal, comprometem o controle emocional e a capacidade de tomada de decisões, acentuando tendências violentas. A compreensão do comportamento de *serial killers*, portanto, requer uma abordagem multidimensional que integre fatores biológicos, psicológicos e sociais. Esse

conhecimento amplia o arcabouço teórico da psicologia criminal e oferece subsídios para futuras investigações e estratégias de prevenção, reforçando a relevância de uma análise interdisciplinar e preventiva no estudo de comportamentos violentos extremos.

6 REFERÊNCIAS

ADRIANA, T. Psicologia criminal e seus desafios. **Revista de Criminologia**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 123-135, 2007.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BLAIR, R. J. R. Applying a cognitive neuroscience perspective to the disorder of psychopathy. **Development and Psychopathology**, v. 17, n. 3, p. 865–891, 2005.

BYRD, A. L.; MANUCK, S. B. MAOA, childhood maltreatment, and antisocial behavior: Meta-analysis of a gene-environment interaction. **Biological Psychiatry**, v. 75, n. 1, p. 9-17, 2014. doi: 10.1016/j.biopsych.2013.05.004.

CASOY, I. **Serial killers: louco ou cruel?**. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2014.

CASOY, I. **Serial Killers**. Rio de Janeiro, DarkSide Books, 2017.

CASPI, A. et al. Role of genotype in the cycle of violence in maltreated children. **Science**, v. 297, n. 5582, p. 851-854, 2002. doi: 10.1126/science.1072290.

CLECKLEY, H. The Mask of Sanity: **An Attempt to Clarify Some Issues About the So-Called Psychopathic Personality**. 5. ed. Augusta: Emily S. Cleckley, 1976.

DOUGLAS, J; OLSHAKER, M. **Mentes criminosas e crimes assustadores**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GLENN, A. L.; RAINE, A. Neurocriminology: Implications for the punishment, prediction and prevention of criminal behaviour. **Nature Reviews Neuroscience**, v. 15, n. 1, p. 54-63, 2014. doi: 10.1038/nrn3640.

HARE, R. D. Without Conscience: *The Disturbing World of the Psychopaths Among Us*. New York: Guilford Press, 1999.

KIEHL, K. A. A cognitive neuroscience perspective on psychopathy: Evidence for paralimbic system dysfunction. *Psychiatry Research*, v. 142, n. 2-3, p. 107-128, 2006. doi: 10.1016/j.psychres.2005.09.013.

KNIGHT, Z. G. Some Thoughts on the Psychological Roots of the Behavior of *Serial Killers* as Narcissists: An Object Relations Perspective. *Social Behavior and Personality*, v. 34, n. 10, p. 1189-1206, 2006.

MCGOWAN, P. O. et al. Epigenetic regulation of the glucocorticoid receptor in human brain associates with childhood abuse. *Nature Neuroscience*, v. 12, n. 3, p. 342-348, 2009.

MILLER, J. D. Childhood trauma and the development of *serial killers*. *Journal of Forensic Sciences*, v. 59, n. 2, p. 325-330, 2014.

MILLER, P. A. **Prevenção de crimes: abordagens e práticas atuais**. London: Routledge, 2016.

RAINE, A.; BUCHSBAUM, M.; LACASSE, L. Brain abnormalities in murderers indicated by positron emission tomography. *Biological Psychiatry*, v. 42, n. 6, p. 495-508, 1997.

RAINE, A. *The anatomy of violence: the biological roots of crime*. New York: Pantheon Books, 2013.

RESSLER, R. K.; BURGESS, A. W.; DOUGLAS, J. E. Sexual Homicide: *Patterns and Motives*. New York: Free Press, 1995.

SCHECHTER, A. **Anatomia do mal: Entrando na mente dos psicopatas**. São Paulo: DarkSide, 2013.

VIDING, E. et al. Evidence for substantial genetic risk for psychopathy in 7-year-olds. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, v. 46, n. 6, p. 592-597, 2005.

WIDOM, C. S. The cycle of violence. *Science*, v. 244, n. 4901, p. 160-166, 19.